



casos reais

SARGENTO ALMEIDA captura piratas do mar na Somália

“NENHUM TIRO”



Com os colegas militares na fragata “Corte-Real”



A experiência na Somália deixou marcas na vida de Guilherme Almeida, que já fez outras missões em locais distantes e perigosos como Timor-Leste

Guilherme Almeida, 32 anos, é fuzileiro na Marinha Portuguesa, onde está desde 1994, integrando a equipa do pelotão de abordagem da fragata “Corte-Real”, que recentemente patrulhou as águas da Somália contra ataques de pirataria. Por esta acção – que resultou na detenção de 19 homens e apreensão de armamento diverso –, Guilherme, os seus nove camaradas de armas, membros da guarnição e o comandante do navio, capitão-de-mar-e-

-guerra, Gonçalves Alexandre, foram distinguidos em Novembro passado com um certificado especial atribuído pela Organização Marítima Internacional.

“Reconstruímos um hospital em Liquíá, do chão ao telhado”

Entendeu esta entidade que a guarnição da “Corte-Real” prestou “serviços excepcionais ao transporte marítimo e à humanidade”, contribuindo para o “esforço internacional do combate à pirataria”, nas águas daquele país africano. Apesar de ter sido uma missão de alto risco, o sargento

Guilherme Almeida, casado e pai de uma menina de três anos, afirma que deseja integrar outra missão da Aliança Atlântica. Objectivo: Afeganistão. Filho de um antigo fuzileiro que combateu na Guerra Colonial, Guilherme, pode dizer-se, é um “produto” da Base Naval do Alfeite, em Almada, onde actualmente presta funções. É que foi na antiga maternidade desta unidade militar que nasceu, porque os pais



FOI DISPARADO”



A vida de Guilherme foi dedicada à Marinha

moraram alguns anos em casas cedidas pela Marinha, construídas no seu interior. Muito familiarizado com o ambiente militar, o jovem Guilherme estudou até ao 9º ano em estabelecimentos exteriores à Base Naval do Alfeite. Mas, aos 17 anos, tudo mudou.

Às escondidas

Antes de atingir a maioridade, o militar decidiu seguir as pisadas paternas e, como voluntário, alistar-se na Marinha. Mas só a mãe sabia deste

segredo, que nunca quebrou. O desejo de aventura, a experiência de vida e o convívio com os companheiros levaram Guilherme a vestir a farda e a enveredar por uma vida iniciada com a recruta e o curso de fuzileiros. Sete meses depois, ingressa na Unidade de Polícia Naval, tendo como marinheiro participado em diversas missões internas integrado no pelotão de abordagem. Mas só seis anos depois aparece a primeira oportunidade de realizar uma missão no exterior, em Timor-Leste. Embarcado durante seis meses na fragata “Hermenegildo Cape-lo”, Guilherme Almeida recorda a missão humanitária que integrou durante a transição do território da ocupação indonésia para a independência a

“Sei que sou um professor exigente, mas tem de ser assim”



Apesar dos actos violentos dos piratas, os portugueses arranjam forma de dialogar com eles



O assalto a um navio de piratas rendeu um espólio de armamento considerável

20 de Maio de 2002: “Tenho na memória, acima de tudo, a beleza natural de Timor-Leste e um povo sofrido que tudo tinha perdido, de hospitais a escolas, de casas a outras infra-estruturas básicas. Reconstruímos uma unidade hospitalar em Liquiçá, do chão ao telhado”. Regressado a casa, Guilherme fez o curso de formação de marinheiros, integrou uma unidade de meios de desembarque e exerceu funções como monitor de educação física. “Sei que sou um professor exigente, mas quem não alcançar os níveis

exigidos pelos fuzileiros – desde corridas de *crosse* no mato às mais variadas situações nas pistas de combate –, vai embora.”

Somália

O curso de sargentos e o pelotão de abordagem foram os passos seguintes dados por Guilherme Almeida na sua carreira militar. Entre Março e Julho de 2009, o fuzileiro português esteve na Somália, tendo por missão combater os piratas que actuam no Golfo de Áden.

“Foi uma novidade para mim, pois desconhecíamos o que iam encontrar, apesar de termos estudado todos os





casos reais

Conte-nos a sua história. Envie um e-mail para tvmais@impresa.pt ou escreva para Rua Calvet de Magalhães, 242, Laveiras, 2770-022 Paço de Arcos



EM TIMOR
O militar ficou impressionado com a população local, sempre muito amistosa



“À noite é mais DIFÍCIL”

cenários possíveis.” A ansiedade tomou conta de Guilherme “antes de chegar ao teatro de operações”. Após uma viagem de 20 dias, a fragata “Corte-Real” – integrada numa missão da Aliança Atlântica – foi patrulhar o corredor marítimo nas águas territoriais locais. E o inevitável acabou por acontecer: “A nossa primeira abordagem foi feita, de noite, a um navio-mãe, onde capturámos 19 piratas e diverso armamento”.

O militar recorda-se do que sentiu ao enfrentar, pela primeira vez, os piratas: “De noite, tudo se torna mais difícil e complicado, porque

ignoramos qual o tipo de embarcação, quantas pessoas estão a bordo e em que posição e que armas possuem”. Mas a missão é para levar avante e, por isso, cinco fuzileiros embarcaram na semi-rígida que encostou à embarcação visada, trepando até chegarem à ponte de comando.

Guilherme Almeida – o último homem a subir a bordo – apontou a sua arma à ponte de comando, no caso

de alguém de ali sair e retaliar, enquanto os restantes fuzileiros algemavam quem encontravam pela frente. Acompanhado de um colega, este militar enfrentou o mes-

tre da embarcação que tinha junto aos pés uma kalashnikov e um segundo pirata, igualmente armado. “Recuei e comuniquei o sucedido ao meu comandante. Pus os pés na arma detida pelo mestre, retirei a outra e entreguei-as ao sargento Simões, que estava ao meu lado. Com aquelas armas a bordo, o nível de perigosidade aumentou consideravelmente”, conta.

À equipa de cinco homens – que deteve os primeiros 10 piratas –, juntaram-se outros cinco que vistoriaram o navio, descobrindo mais nove metralhantes e variado armamento de guerra. Apesar do clima de tensão, imperou a serenidade e o sangue-frio: “Nenhum tiro foi disparado”.

“Pus os pés na arma detida pelo mestre e retirei uma outra”



COM O PAI, um antigo fuzileiro que combateu na Guerra Colonial